

1.

Era sempre assim. Quando precisava de um atributo imaginoso para descrever no postal o que via, e como se sentia, só lhe vinham banalidades à ideia.

Cara amiga: Aqui estou na cidade mais bela do mundo. Para alguns, é um paraíso urbano com sol, praia e bons restaurantes baratíssimos à porta de casa. Preferia estar aqui em férias.

Não parecia ser suficiente. Poderia ainda recorrer a uma metáfora do género *a cidade parece um...* Mas ele não gostava de metáforas. Só serviam para complicar ainda mais a descrição da realidade. Embora admitisse que uma boa metáfora se ajustaria bem ao espaço ainda disponível no postal. Contudo, não era fácil imaginar alguma coisa, sabendo antecipadamente que seria considerada medíocre. A não ser que fugisse das metáforas oficiais. Por exemplo, o enorme rochedo uma milha à sua frente era mundialmente conhecido pela sua metáfora, uma entre outras aplicáveis àquela forma oval. Agora essa forma sugeria-lhe outra coisa: um ovo petrificado na embocadura da baía. Como o ovo de Roc, a ave gigante que tapava a luz do sol e que, na segunda viagem, levou pelos ares Sindbad, o marinheiro. Roc, *the rock*¹. Esta imagem poderia rematar a escrita com um toque de inteligência e cultura. Conviria mesmo reutilizá-la nos outros postais que teria ainda de enviar.

¹ Roc, o rochedo.

Sentia-se tão satisfeito com a produção metafórica, que apanhou um susto quando um bando de abutres negros lhe passou mesmo por cima, projectando uma sombra envolvente e ameaçadora. Ele não queria levantar voo como o marinheiro. Ao contrário, precisava de manter os pés sobre a terra e calcorrear a cidade à procura de Sarita. Não podia fazer sete viagens como Sindbad. O departamento só lhe permitia uma, e com resultados à chegada, isto é, trazendo Sarita de volta. Talvez fosse por isso, que ao dar-se ao metaforismo, se sentia não apenas contrariado como algo apreensivo ou mesmo angustiado.

A amiga a quem escrevia já fora colega. Os amigos a quem tinha de escrever eram colegas. O melhor seria concluir os postais com uma referência ao trabalho. Ou mesmo mais do que uma referência. Pensando bem, a metáfora do ovo não era assim tão convincente. Se desistisse dela, dos atributos citadinos e do resto das apreciações subjectivas, teria espaço suficiente para uma boa velha descrição factual da sua actividade presente.

Já fizera a passo de corrida cinquenta e três hotéis, dez flats e dez agências de aluguer de veículos na zona de Copacabana. Nesse mesmo dia e nos próximos, faria os vinte hotéis, os doze flats e as três agências de Ipanema e Leblon. E, se fosse necessário, ainda os da Barra, do Flamengo e do centro da cidade. Para cumprir o programa, tinha de fazer uma média de três balcões cada oitenta minutos e chegar aos vinte e dois ou vinte e três no fim do dia.

No departamento, era isso que eles queriam saber. Para concluir que ele ainda não enxergara qualquer rasto da fugitiva. E que aquela viagem e aquela busca, mais do que qualquer metáfora das Mil e Uma Noites, que naturalmente nunca tinham lido, eram um perfeito disparate. Sarita Faycett tanto podia estar num hotel da cidade como num bordel dos arredores. Tanto podia ter aterrado no Rio, como em São Paulo, no Recife, ou se ter lançado de paraquedas no meio do Amazonas. Nem sequer havia a certeza absoluta dela ter vindo para o Brasil. Que estava ele ali a fazer senão a passear *no paraíso* a expensas do departamento? Os postais com ditirambos ao Rio e metáforas de Sindbad eram a prova concludente da ideia que ele se fazia da missão.

Pensando melhor, não escreveria a ninguém. Se um acto de simpatia e convivência profissional poderia ser mal interpretado, não

valia a pena arriscar. Como já tencionava comprar postais semelhantes para guardar como recordação, decidi ficar com aqueles, com os nomes e as moradas da ex-colega e dos colegas no verso. Também lhe agradava guardar o postal com a metáfora do ovo. Podia não ser excepcional, mas era mais do que incomum para quem de metáforas tinha aversão.

Pensando ainda melhor, enviaria os postais mas sem qualquer comentário. Apenas *com um abraço do Walt*.

Uma hora depois, colocou-os num marco da Praça de Nossa Senhora da Paz, no coração de Ipanema, e recomeçou a pesquisa, dirigindo-se ao primeiro hotel do itinerário, que desenhara cuidadosamente no mapa da cidade.

O ritual das visitas era relativamente simples. Nessas actividades, todos os brasileiros falavam inglês. Primeiro pousava um cartão de visita cheio de figuras e letras em cima do balcão e articulava com a melhor dicção de que era capaz: *Walter Cormick, da Universidade da Califórnia em Berkeley. Sou professor, terapeuta e não polícia. Vim ao Brasil para localizar uma das minhas pacientes, que ignorava que estava muito doente, em perigo de vida, quando decidi vir para o Brasil*. Depois colocava ao lado do cartão duas fotografias a cores de sete por nove polegadas da procurada, uma de frente, outra de perfil: *Olhe bem para o rosto desta mulher e veja se se recorda dela ter vindo aqui. Pode ter chegado ao Rio entre o início de Junho e meados de Julho. Chama-se Sarita Faycett, mas pode ter dado outro nome. Não fala português... Não se importa também de verificar se este nome aparece no vosso ficheiro de clientes?* Normalmente aproximavam-se mais recepcionistas curiosos e ele não hesitava em ocupar todo o balcão com outras cópias das fotos: *Olhem bem para a cara dela e vejam se vos diz alguma coisa. Pode ter aqui estado nas últimas oito semanas*.

Até aí não tinha tido qualquer resposta. Ninguém se lembrava de a ter visto ou falado com ela. O nome não figurava em nenhum ficheiro. Contudo, os brasileiros eram quase sempre opinadores compulsivos. *Nas fotografias as americanas desta idade são todas parecidas... Não tem cara de doente... Se tivesse cá estado, não iria esquecer essa cara... A quantos hotéis já foi?... Tenho a impressão que já a vi, mas sou incapaz de dizer quando e onde...* Outros cole-

gas de balcão não podiam responder porque não estavam de serviço. Naturalmente podia encontrá-los dentro dos seus horários. Era só voltar a visitá-los. *Amanhã, Sir?* Procurava limitar a conversa a dez, quinze minutos, pois o programa não podia sofrer qualquer atraso.

No quinto hotel do bairro de Ipanema, a resposta mudou. «Se tem a certeza que a viu, tente lembrar-se...»

«Não foi aqui no hotel, mas na rua..., ou na praia. Ela tem andado por aí.» Oxalá ele pudesse ser mais preciso. O bairro era grande. «Olhe... Tente nas dunas. Acho que foi por aí que a vi. Uma ou duas vezes.» Dunas? Já tinha feito em duas noites todo o passeio à borda da praia, do princípio de Copacabana ao fim do Leblon, e não tinha visto quaisquer dunas. «Elas estão lá, *Sir*. São dunas pequenas no fim da praia de Ipanema, perto do canal que liga a lagoa ao mar. A cinco minutos daqui.»

Para quem, como ele, tinha frequentado amiúde os desertos do sudoeste e as praias do Noroeste da União², era ridículo chamar dunas àqueles montículos de areia. Os banhistas do Inverno carioca usavam-nos para se abrigar da brisa ligeira que vinha do oceano. Instalou-se numa mesa da esplanada de um quiosque e apontou para um dos cocos gelados, que o empregado imediatamente agarrou para o decapitar de duas catanadas e servir com duas palhinhas coloridas. Sorveu ávido o sumo e sentiu-se refrescar. Estava pronto para a vigia. Só não tirou os binóculos do bolso porque a praia e as dunas estavam realmente muito perto. Pensou então que não convinha que ela desse de caras com ele, sem estar devidamente preparada para o encontro.

O cenário era magnífico e o tempo passava rápido. Banhistas de todas as cores sucediam-se no passeio e nas dunas, balançando as ancas e as nádegas desnudas, estas saindo generosamente da metáfora que lhes servia de fato-de-banho. No passeio, novos faziam marcha rápida e velhos faziam de conta. Ninguém trabalhava nas manhãs dos dias de semana do Inverno carioca. A água devia estar fria porque os banhistas tomavam sol mas não banho. No fim da praia de Ipanema, outro ovo petrificado de Roc, com muitas habi-

² Estados Unidos da América.

tações em cima, a que o porteiro do seu hotel tinha chamado *favela*. Atrás de si e atrás de Ipanema havia mais ovos com favelas. Na cidade, eram os miseráveis que viviam nas metáforas. Mas no oceano, a algumas milhas à sua frente, a floresta tropical cobria os ovos plantados como ilhéus. Roc nidificara abundantemente na região.

A metáfora estava a dar forma a uma obsessão. Enquanto cismava com ovos gigantes, descurava a atenção da vigia. O que levava directo à dúvida: seria que ela tinha aparecido enquanto ele estava distraído? Enquanto cismava com a dúvida, voltava a descurar a vigia. O que levava directo ao desespero: seria que entretanto ela tinha desaparecido enquanto ele duvidava?

De repente viu Sarita Faycett. Caminhava célere do outro lado da avenida, ao longo do gradeado que protegia os edifícios, a mais de oitenta jardas de distância. Levantou-se e correu para atravessar a avenida, mas o trânsito estava intenso e ali não havia passagem para peões. Desistiu e foi correndo atrás dela, mas no passeio marginal à praia. Sem se preocupar em ser visto, pois ela estava ainda a umas cinquenta jardas.

Quando conseguiu, finalmente, atravessar numa passagem, já Sarita tinha entrado numa ruela perpendicular à avenida. Correu mas não a conseguiu entrever. A essa hora, as ruas de Ipanema estavam cheias de gente e veículos em movimento confuso. Não valia a pena esforçar-se mais.

Foi abrandando o passo até se deter à porta de uma agência de aluguer de apartamentos. Dirigiu-se ao velho de cara triste atrás do *guichet* para verbalizar o quesito habitual, desta feita com esperança redobrada. Mas ele olhou para as fotografias e não mudou de expressão, movimentando só os olhos para dizer que nunca a tinha visto. Repetiu a rotina na porta a seguir, uma tabacaria onde ninguém falava inglês mas todos abanaram negativamente a cabeça. E a seguir, no bar, no supermercado, na papelaria, na sapataria e no outro bar, sempre com o mesmo resultado.

Deteve-se no passeio para respirar e reflectir. Alguém devia conhecer Sarita. Apostava que ela morava ali mesmo em Ipanema. Ainda que lhe custasse tinha de prosseguir o porta a porta.